

Tânia Conceição C. de Souza

## DAS MUDANÇAS MORFOFONÉMICAS EM PORTUGUÊS

### RESUMO

Neste artigo, examino o fenômeno de sândi externo que afeta vogais iniciais e finais em fronteira de palavras em português. Os dados considerados foram coletados da fala de informantes do Rio de Janeiro.

Tais dados são usados para conferir as soluções propostas por Liberato (1978) e Simões (1981), em dois trabalhos dedicados ao mesmo problema. Argumenta-se aqui que as regras a serem formuladas devem ser restritas, em termos fonéticos, morfológicos e sintáticos. Chega-se também à conclusão de que o sândi externo poderia ser melhor explicado se se levasse em consideração a análise espectrográfica.

### ABSTRACT

In this article I examine the external sandhi phenomenon, which affects initial and final vowels at word boundary in Portuguese. The data I consider were collected in the speech of informants from Rio de Janeiro.

These data are used to check out the solutions presented by Liberato (1978) and Simões (1981) in two papers dedicated to the same problem. It is argued here that the rules to be formulated have to be restricted in phonetic, morphological and syntactic terms. It is also argued that external sandhi could be better explained if spectrographic analysis were taken into account.

O sândi externo em português foi objeto de dois trabalhos publicados na Revista Cadernos de lingüística e teoria da literatura - Alterações vocálicas em final de palavra e a regra de palatalização (Liberato, 1978) e Some sandhi rules in Portuguese (Simões, 1981).

Liberato faz uma análise gerativa de alguns processos fonológicos em limites de palavra, questionando se é possível se abrir mão da ordenação das regras em favor da simplificação da gramática. A regra de palatalização das consoantes "/t/ e /d/ diante de /i/ e /y/" também é estudada a fim de ser discutida a ordenação desta regra em relação às regras de supressão e semivocalização já ordenadas previamente.

Em linhas gerais, o trabalho de Simões se divide em duas etapas:

- a. Aquela em que procura verificar se a teoria de Rotenberg<sup>1</sup> (1978) sobre a influência da sintaxe na fonologia funciona para o português; essa influência seria direta, não levando em conta as fronteiras de palavras, e isso explicaria a ocorrência de certos fenômenos fonológicos, tomando-se por base contextos sintáticos de vários tipos em diferentes níveis de estrutura.
- b. Outra em que estabelece as "regras do sândi nas seqüências 'V ≠ V' " que se aplicam a nível da sílaba, regras essas que vão evitar a seqüência  $\begin{bmatrix} V \\ -\text{acento} \end{bmatrix} \begin{bmatrix} V \\ -\text{acento} \end{bmatrix}$  que não ocorre em português.

Uma regra de palatalização é estudada.

Ambos os trabalhos referidos acima apresentam conclusões das quais discordamos em face de conclusões por nós oferecidas anteriormente num estudo sobre o sândi externo no dialeto carioca<sup>2</sup> (Souza, 1979).

Ao estudarmos o sândi em português descrevemos o fenômeno e procuramos também explicar o porquê de sua ocorrência. Os dados e as soluções apresentadas diferem das de Liberato e Simões. É interessante, pois, compararmos esses trabalhos com os nossos, a fim de se discutir qual das soluções até agora oferecidas melhor explica o fenômeno do sândi externo em português.

A primeira observação que se pode fazer sobre os dados de Liberato e Simões é quanto ao tipo de seqüência vocálica estabelecida, na qual as regras do sândi operarão. Tanto para Liberato, quanto para Simões, o sândi só ocorre quando se tem a seqüência de duas vogais átonas em junctura vocabular, pois, quando uma das vogais é acentuada, "não ocorre nenhum fenômeno".

Observando-se, porém, os seguintes dados<sup>3</sup>

(1) V + Det

Sirva isso frio

sírvisu

(2) Det + V

Esse é teu, o outro é meu.

esé

otré

verificamos que a ocorrência do sândi não se restringe apenas à seqüência de duas vogais átonas, pois nos exemplos (1) e (2) as seqüências são constituídas de vogal átona seguida por tônica

ca, o que não bloqueou a ação do sândi.

Num outro grupo de exemplos

(3) Prep. + Pron.

pra ela é tudo igual  
praēla

(4) Det. + Nome

Este Edson me acaba.  
ešcyējisō

(5) Adj. + Nome

Ele é o novo astro do cinema.  
novwāštru

onde também se constata a seqüência  $\check{V}V$ , não se registrou a queda da vogal átona, como acontecera nos exemplos (1) - (2).

Os dois grupos de dados acima mostram duas situações para vogal átona seguida por vogal tônica em fronteira vocábular: uma em que se dá a queda da vogal átona (ex. (1)-(2)) e outra em que a vogal se mantém (ex. (3)-(5)).

Um outro dado de Liberato e Simões que difere dos nossos se refere ao comportamento da vogal átona final  $\check{i}$  quando seguido pela vogal átona inicial  $\check{e}$ . No entanto, pudemos verificar essa queda em

(6) Sinto uma fome eterna.

fometērna

(7) Confere elemento por elemento

kõferelemēntu

Sendo assim, uma regra que descreva a queda da vogal ã tona ĩ, apenas quando esta vem seguida de vogal idêntica (cf.: Liberato: 83 e Simões: 157), não daria conta dos nossos dados em (6) e (7).

Como dissemos no início, um dos objetivos de Simões é verificar se as regras do sândi em português se aplicam a nível de sentença, como propõe Rotenberg, isto é, se a sintaxe exerceria influência sobre a fonologia. Segundo Simões, as regras do sândi em português não estão sujeitas a nenhuma condição léxico-sintática, sendo condicionadas por traços prosódicos. O sândi ocorre através de vestígios, parênteses e fronteiras entre sentenças, o que contraria as proposições de Rotenberg, pois esses tipos de juntura bloqueariam a atuação das regras sob condicionamento sintático.

Segundo Simões, a única condição que faz com que a vogal se mantenha em qualquer contexto em juntura vocabular é a pausa entre os vocábulos, isto é, os enunciados devem ser pronunciados numa só emissão de voz, a fim de que possam se realizar as alterações fonológicas previstas.

Se de fato o sândi ocorresse apenas na seqüência  $\check{V}\# \check{V}$ , seria correta a conclusão de Simões de que as regras do sândi em português dependeriam apenas de traços prosódicos.

Na nossa pesquisa (Souza, 1979), comparamos o tipo de sintagma onde a vogal se mantém, com o tipo de sintagma onde a vogal sofre queda e verificamos que essa alternância tem a ver com a estrutura de constituintes de cada um dos sintagmas. Portanto, era forçoso aventar a possibilidade de que o sândi ocorresse ou não na seqüência  $\check{V}\# \check{V}$  sob condicionamento morfológico, dependendo da categoria lexical dos vocábulos envolvidos. Essa possibilidade estaria, assim, ao mesmo tempo contradizendo o que propõe Simões a respeito do nível de aplicação das regras do sândi, isto é, de que as mesmas não estariam sujeitas a nenhuma condição léxico-sintática, e favorecendo o proposto por Rotenberg: a sintaxe teria influência na fonologia.

Por outro lado, o comportamento verificado em relação à vogal ĩ nos evidencia que, também na seqüência  $V = V$ , teríamos que ter regras formuladas em termos de traços dos segmentos, pois observamos que:

(A) a vogal ĩ se mantêm, passando a glide, diante das vogais tônicas ã, ô, õ, e ü, como se pode constatar nos exemplos abaixo:

(8) Ele teve Aldo nas mãos.

tevyãwdu

(9) Este ótimo rapaz foi enganado.

eščyõčimu

(10) Come ovo todo dia.

komyõvu

(11) Ele escreve úmido com "h".

iskrevyūmidu

(B) a vogal ĩ ora sofre queda, ora se mantêm, diante das vogais í, ē e ĕ, como se verificou respectivamente em (2) e em (4). Alternância essa também condicionada à constituição dos sintagmas.

Resumindo-se, então, o que mostramos até aqui, poderíamos prever que a ocorrência do sândi nas seqüências  $\check{V} \# \check{V}$  e  $\check{V} \# \acute{V}$  se verificaria sob dois tipos de condicionamento.

- fonológico segmental, para a seqüência constituída de vogal átona seguida por vogal átona;

- morfofonológico, para a seqüência vogal átona seguida por vogal tônica.

Entretanto, há certas evidências que nos levam a buscar um outro caminho para compreender a situação.

Se analisarmos o grupo de exemplos a seguir

(12) V + Nome

a. Paulo adora uva doce.

adɔrũvα

onde a → ∅

b. Paulo adora uva.

adɔrãũvα

onde a se mantêm

verificamos que a vogal âtona cai ou se mantêm em sintagmas semelhantes, portanto num mesmo ambiente gramatical. Note-se, porém, que, se os sintagmas estiverem em fim de enunciado, seguidos de pausa, o sândi não ocorre, mantendo-se a vogal na junтура. Logo, não é a natureza do sintagma que determinará a ocorrência do sândi.

Cabe notar aqui que o tipo de condicionamento, no caso a pausa, que estamos propondo para o bloqueio do sândi, é diferente do proposto por Simões anteriormente. Para nós, a pausa impede a queda da vogal, quando todo o sintagma vem seguido de silêncio; para Simões, a pausa bloqueia a queda quando esta ocorre entre os dois vocábulos que formam o sintagma.

A natureza do nosso tipo de condicionamento está relacionada à colocação do sintagma na frase e a fatores estilísticos, como a ênfase, a entoação e outros. A natureza do condicionamento oferecido por Simões está ligada a um fator de velocidade de fala, isto é, se os enunciados são pronunciados de forma mais lenta, as vogais se mantêm em todo e qualquer contexto em que se apresentem e independente da posição do sintagma na frase.

Sendo assim, estamos diante de uma condição primordial para a ocorrência ou não do sândi - a velocidade da fala.

Nossos dados foram, sempre que possível, gravados em duas

velocidades de fala - o andante e o allegretto<sup>4</sup>. Com esse tipo de gravação, a primeira constatação que fizemos foi que, na velocidade lenta, o andante, as vogais envolvidas na junção não sofriam queda, ao contrário da velocidade mais rápida, o allegretto, na qual, dependendo dos traços dos segmentos, as vogais poderiam ou não ser elididas.

Baseando-nos nessa constatação, isto é, de que a velocidade de fala é condição básica para a queda de vogal, observamos que as regras que Liberato e Simões estabelecem em termos de "obrigatórias" ou "não-obrigatórias" para darem conta de fatos como

(13) Prefiro a cama azul.

a. kãmãazũw (ANDANTE)

b. kãmazũw (ALLEGRO)

(14) Este é um filme importante

a. fiwmĩportãči (ANDANTE)

b. fiwmĩportãči (ALLEGRO)

(15) Este é um povo unido.

a. povwunĩdu (ANDANTE)

b. povunĩdu (ALLEGRO)

(16) No quarto havia uma cama escura.

a. kãmaiškũra (ANDANTE)

b. kãmiškũra (ALLEGRO)

(17) Preciso do cálculo exato.

a. kawkulwezātu (ANDANTE)

b. kawkulezātu (ALLEGRO)

não procedem, porque o problema aí não é questão de se optar ou não pela regra de queda de vogal, como no caso do encontro de vogais diferentes, ou de, obrigatoriamente, se ter que optar pela regra de queda no caso do encontro de vogais idênticas. O que temos aí são diferentes registros descritos em termos de diferentes emissões de fala. Portanto, formas como as apresentadas em (13)a, (14)a e (15)a não devem ser consideradas agramaticais - segundo a análise de Liberato e Simões -, pois elas ocorrem na modalidade andante.

Uma outra evidência contra a delimitação da ocorrência do sândi, tendo-se por base o ambiente gramatical dos sintagmas, são os exemplos (3) e (18), a seguir, analisados sob o ponto de vista de Lemle (1982), a respeito de duas categorias gramaticais - as preposições e as conjunções.

Segundo Lemle, as chamadas conjunções subordinativas ou conjunções conjuntivas podem ser analisadas como "sintagmas preposicionais nos quais a preposição rege sentença". Da mesma forma, podemos analisar "as chamadas conjunções subordinativas", incluindo-as na lista das preposições complementadas por sentenças<sup>5</sup>.

Assim, diante do que propõe Lemle, isto é, o de abrir mão da categoria das conjunções, uma vez que as funções das conjunções e das preposições são análogas, tendo que se observar apenas o tipo de complemento (nomes ou sentenças) aos quais as referidas categorias estejam regendo, nos exemplos.

(3) Prep. + Pron.

Pra ela é tudo igual.

praéla

onde a se mantêm

(18) Prep. + Pron.

pra ela passar de ano tem que estudar.

prɛ̃lɔ

onde a → ∅

seria mais uma vez constatada alternância entre queda e manutenção de vogal num mesmo ambiente gramatical, sem que os sintagmas venham seguidos de pausa, como acontecera nos exemplos (12)a. e (12)b.

Quanto ao objetivo de Liberato ao qual já nos referimos anteriormente - ordenação da regra da palatalização do /t/ e /d/ em relação às regras ordenadas de supressão e semivocalização — ficou estabelecido que a melhor solução seria também ordenar a regra de palatalização, uma vez que, desse modo, não ocorreriam seqüências agramaticais e que as regras ordenadas seriam em menor número e mais simples do que as não-ordenadas.

A observação que gostaríamos de fazer aqui não é quanto ao fato de se poder ou não prescindir de ordenação das regras e sim, quanto ao fato de ser a regra de palatalização considerada, no caso, uma regra do mesmo nível de aplicação das regras de supressão e semivocalização, uma vez que o que se tem aí são duas modalidades diferentes do fenômeno sândi.

As regras de supressão e semivocalização ilustram o sândi externo, ao contrário da regra de palatalização, que é um caso de sândi interno, já que o seu domínio de aplicação é a palavra, como observa Simões (cf.: p. 160).

Em face de todas essas mudanças morfofonêmicas resultantes da ação do sândi focalizadas até aqui, constatamos que o fenômeno em português é por demais complexo, refletindo que fatores de diferentes ordens se interrelacionam; daí a necessidade de

se buscar uma solução que possa satisfazer, de modo abrangente, a toda essa gama de implicações.

Se buscássemos uma solução no nível segmental, ou seja, tentássemos traduzir a ocorrência do sândi em termos de regras gerativas, tal solução não nos pareceria adequada. Essas regras seriam por demais complicadas: seria preciso que se criasse um grande número de reajustes para explicar que a alternância entre a queda e a manutenção de vogal está condicionada a diferentes fatores, segundo o tipo de seqüência que se esteja focalizado.

Essas regras teriam que dar conta dos seguintes fatos:

1. Na seqüência  $\check{V} \# \check{V}$  a alternância entre a queda e a manutenção teria que obedecer a dois tipos de condicionamento:
  - (a) segmental: Essa alternância se verifica em função dos traços dos segmentos, isto é,  $\check{x}$  e  $\check{y}$  caem diante de qualquer vogal átona inicial de vocábulo e a vogal  $\check{y}$  cai diante das vogais iniciais  $\check{i}$  e  $\check{e}$ , e se mantêm diante das demais.
  - (b) não-segmental: as alterações descritas em (a) só se verificam em determinada velocidade de fala.
2. Na seqüência  $\check{V} \# \acute{V}$  a alternância também estaria regida por dois tipos de condicionamento:
  - (a) segmental: a natureza dos traços dos segmentos e o ambiente gramatical em que as vogais estão inseridas.

(b) não-segmental: a velocidade de fala e a pausa que, quando ocorre logo a seguir do sintagma em questão, bloqueia o sândi.

Do ponto de vista lingüístico, um conjunto de regras que se prestasse para descrever o sândi em português, atendendo àquela complexidade mostrada acima, não seria nem prático, nem econômico, mas, certamente, tais regras estariam sendo fiéis ao corpus.

Portanto, chegamos à conclusão de que o sândi não pode ser explicado através de um conjunto de regras circulares e ad hoc e procuramos um outro caminho para solucioná-lo.

A outra possibilidade de abordar o problema é o de tentar determinar a ocorrência do sândi pelo contorno entoacional.

Uma locução, ou uma frase, apresenta diferentes graus de acento, sendo uns mais fortes do que os outros. Segundo Lemle (1968) uma frase com entoação neutra afirmativa tem acento mais forte no último constituinte da frase. Nos exemplos que estudaremos seguiu-se também o princípio de aplicação em ciclos de Chomsky & Halle (1968).

Focalizaremos então os exemplos apresentados anteriormente, procurando-se estabelecer relações entre a alternância da manutenção e queda de vogal e os diferentes graus de tonicidade da frase.

Aplicando-se a abordagem referida acima nos exemplos (3)-(5), onde a vogal se mantém, temos a seguinte distribuição dos graus de acento:

(3)  $\left[ \left[ \begin{matrix} 2 & 2 \\ \text{pra} & \text{ela} \end{matrix} \right] \left[ \begin{matrix} 3 \\ \text{é} \end{matrix} \right] \left[ \begin{matrix} 4 & 1 \\ \text{tudo} & \text{igual} \end{matrix} \right] \right]$

$$(4) \left[ \begin{array}{c} \overset{3}{\text{Este}} \overset{3}{\text{Edson}} \left[ \overset{3}{\text{me}} \overset{4}{\text{acaba}} \right] \\ \text{eščyc} \check{\text{ř}} \text{isō} \end{array} \right]$$

$$(5) \left[ \begin{array}{c} \overset{2}{\text{Ele}} \left[ \overset{3}{\text{ē}} \left[ \overset{3}{\text{o}} \overset{4}{\text{novo}} \overset{4}{\text{astro}} \right] \left[ \overset{1}{\text{do}} \overset{1}{\text{cinema}} \right] \right] \\ \text{nowāš} \check{\text{ř}} \text{tru} \end{array} \right]$$

Analisando-se os graus de tonicidade de cada um dos exemplos acima, constatamos que, quando a vogal se mantém, a tonicidade do vocábulo no qual a mesma está inserida é igual ou maior do que a tonicidade do vocábulo iniciado por vogal tônica<sup>6</sup>.

Aplicando-se a mesma abordagem aos exemplos (1)-(2) que ilustram a queda de vogal, temos:

$$(1) \left[ \begin{array}{c} \overset{2}{\text{Sirva}} \left[ \overset{3}{\text{isso}} \overset{1}{\text{frio}} \right] \\ \text{sirv} \check{\text{ř}} \text{isu} \end{array} \right]$$

$$(2) \left[ \begin{array}{c} \overset{3}{\text{Esse}} \left[ \overset{4}{\text{ē}} \overset{2}{\text{teu}} \right] \left[ \overset{3}{\text{o}} \overset{4}{\text{outro}} \left[ \overset{4}{\text{ē}} \overset{1}{\text{meu}} \right] \right] \\ \text{esé} \qquad \qquad \qquad \text{otr é} \end{array} \right]$$

Analisando-se os graus de tonicidade de cada um dos exemplos acima, constatamos que, quando a vogal sofre queda, a tonicidade do vocábulo onde a mesma está inserida é menor do que a tonicidade do vocábulo iniciado por vogal tônica.

O tipo de análise que propomos vem demonstrar que não é um número de regras ordenadas que resolve o sândi em português. Contudo, esse tipo de análise não nos faz abandonar totalmente a hipótese proposta por Rotenberg, como será mostrado a seguir.

Se analisarmos os seguintes exemplos

$$(19) \left[ \begin{array}{c} 3 \\ \text{Chame} \end{array} \left[ \begin{array}{cc} 4 & 2 \\ \text{essa aluna} \end{array} \right] \left[ \begin{array}{cc} 2 & 1 \\ \text{para mim} \end{array} \right] \right]$$

šāmyēs̄α

$$(20) \left[ \begin{array}{c} 2 \\ \text{Lave} \end{array} \left[ \begin{array}{cc} 3 & 1 \\ \text{esse carro} \end{array} \right] \right]$$

lavyēs̄i

veremos que a vogal ŷ se manteve diante de vogal tônica, apesar de o contexto ser o de queda: a vogal ā tona está inserida num sintagma com tonicidade menor do que a do sintagma onde está inserida a vogal tônica.

Observemos a seguir alguns exemplos onde a vogal š sofre queda em construções idênticas às dos exemplos (19)-(20):

$$(21) \left[ \begin{array}{c} 3 \\ \text{Chama} \end{array} \left[ \begin{array}{cc} 4 & 2 \\ \text{essa aluna} \end{array} \right] \left[ \begin{array}{cc} 2 & 1 \\ \text{para mim} \end{array} \right] \right]$$

šāmēs̄α

$$(22) \left[ \begin{array}{c} 2 \\ \text{Lava} \end{array} \left[ \begin{array}{cc} 3 & 1 \\ \text{esse carro} \end{array} \right] \right]$$

lavēs̄i

Comparando-se as duas listas de exemplos, onde tanto o ŷ, em (19)-(20), como o š, em (21)-(22), são sufixos de imperativo, verificamos que somente a vogal ŷ se mantém, mesmo estando inserida no contexto descrito para queda<sup>7</sup>.

Assim, a regra de queda do ŷ atuará segundo os graus de tonicidade da frase, exceto em algumas formas verbais. Tais for-

mas correspondem às formas imperativas de 2a. pessoa do singular, com você ou tu como sujeito, dos verbos regulares de 1a. e 2a. conjugação.

A explicação para o bloqueamento da queda do ɨ nos casos acima já foi por nós apresentada anteriormente (Souza,1981).A não aplicação dessa regra é devida ao fato de que tanto a regra de formação do imperativo, quanto a regra de queda do ɨ, são opacas, respectivamente, morfológica e fonologicamente<sup>8</sup>.

Embora nos casos de imperativo nos deparemos com dois tipos de opacidade - morfológica e fonológica - nos parece que a opção da língua foi pela opacidade fonológica, evitando, assim, a opacidade morfológica, isto é, a impossibilidade de se determinar o status morfológico da vogal elidida.

Logo, levando-se em conta o que apresentamos acima - o bloqueio do sândi sob restrição morfo-sintática -, não deixamos de estar, de certa forma, corroborando o proposto por Rotenberg: a interrelação dos diferentes componentes da gramática, interrelação essa que acaba por se refletir nas cadeias de superfície.

Uma vez que a explicação para a ocorrência do sândi no idioma não depende apenas de um conjunto de regras fonológicas, concluímos, então, que o sândi ocorre, como se procurou mostrar, atendendo a um fator não segmental. Para o português, esse fator se baseia na relação entre a acentuação frasal e a acentuação vocabular. Isto é compatível com a caracterização do português como uma língua marcada pelo acento.

O argumento de que o sândi é um fenômeno resultante de fatores não segmentais vem ao encontro da proposta de Harms(1972), que mostra que as convenções e restrições fonéticas universais

são consideradas inerentes à capacidade de falar do falante. Alguns processos e mudanças que se realizam na fala não constituem regras fonológicas, mas são antes resultantes naturais de modos de articulação explicáveis universalmente pelos movimentos do aparelho fonador. A Fonologia deveria, assim, se restringir à explicação das regras segmentais específicas de uma língua, enquanto que a descrição dos processos naturais universais controlados por mecanismos neurais e motores caberia à Fonética.

Assim, o fato de a solução por nós apresentada, baseada em graus de tonicidade, não resolver o problema do sândi em português em sua totalidade - pois, no caso do imperativo dos verbos regulares, o sândi atua sob restrição morfo-sintática - nos faz sugerir que o fenômeno deva ser pesquisado sob outro prisma: um prisma, através do qual, não só se possa descrever o fenômeno, como também buscar sua explicação em termos mais gerais. Cremos que a análise espectrográfica certamente seria um caminho a percorrer e que traria soluções comprovadas fisicamente.

#### NOTAS

1. ROTENBERG, J. The syntax of phonology. Tese de Doutorado. Inédito, 1978.

Não foi possível consultar diretamente o trabalho de Rotenberg; as noções que depreendemos foram conseguidas através de Simões (1981).

2. SOUZA, T. C. Clemente de. O sândi externo no dialeto carioca. Dissertação de Mestrado. Inédito. UFRJ, 1979.

Nossa dissertação se resume em descrever e explicar o porquê da ocorrência do sândi no dialeto carioca. Foram foca-

lizados quatro grupos de seqüências vocálicas possíveis em juntura vocabular -  $\check{V} \# \check{V}$ ;  $\check{V} \# \acute{V}$ ;  $\acute{V} \# \check{V}$ ;  $\acute{V} \# \acute{V}$  - segundo a classificação das vogais em átonas (V) e tônicas (V). Tais seqüências vinham inseridas nos mais diversos contextos, contextos estes descritos em termos de diferentes faixas etárias, diferentes níveis de escolaridade, diferentes velocidades de fala e diferentes assuntos. Procuramos gravar nossos dados, sempre que possível, em duas velocidades de fala - o andante e o allegretto (Harris, 1969), sem medi-las instrumentalmente. Nossas gravações perfizeram um total de 8 horas.

3. O texto das frases não será totalmente transcrito. Para maior clareza transcreveremos apenas os vocábulo onde haja o contexto correspondente ao grupo de encontro vocabular estudado. As transcrições foram simplificadas, não se marcando acento primário, entoação, etc; as barras e colchetes foram abolidos.
4. Essa é uma redução da classificação quadripartite de modalidade de fala adotada por Harris (1969): largo (muito lento), andante (moderadamente lento), allegretto (moderadamente rápido) e presto (muito rápido)
5. Cf.: Lemle, 1982:245-249.
6. A decisão sobre a relação entre a alternância de queda e manutenção de vogal e os graus de tonicidade da frase está diferente da que foi apresentada em 1979.
7. A regra de queda do í nas formas imperativas sō deixa de

atuar no caso dos verbos regulares. No caso dos verbos irregulares, a regra se aplica normalmente:

(23) Ouve essa música.

ovĕsa

Sendo assim, a forma  $m\acute{a}c\acute{i}k\ddot{o}m\alpha$  'mate e coma' apresentada por Liberato (cf.: p. 88) é para nós agramatical: por ter aí a forma verbal imperativa de um verbo regular, a regra de queda do  $\check{y}$  não se aplica.

8. Para a definição de opacidade morfológica, vide Basílio, 1977:

Uma regra é opaca se as cadeias de superfície em cuja produção ela está envolvida são analisadas como sendo produzidas por um tipo de derivação diferente que não envolve a aplicação daquela regra e quando as duas derivações estão em relação semântica de vínculo.

Para a definição de opacidade fonológica, vide Kiparsky, 1971:

Uma regra é opaca quando  $A \rightarrow B / C - D$  se:

a) existir A em C — D

b) existir B em ambientes outros que não sejam C — D.

REFERÊNCIAS

- BASÍLIO, M. Syntactic opacity: personal infinitive and future subjunctive in Portuguese. Texas Linguistic Forum. Austin, Texas, (6):84-221, 1977
- CHOMSKY, N. & HALLE, M. A sketch of English phonology and phonological theories. In: ———. The sound patterns of English. New York, Harper & Row, 1968.
- HARMS, R. T. Some nonrules of English. The University of Texas at Austin, 1972. (Inédito).
- HARRIS, J. Some consonantal phenomena. In: ———. Spanish phonology. Boston, The M. I. T. Press, 1969.
- KIPARSKY, P. A survey of linguistic science. In: DINGWALL, W.O., ed. Historical linguistics. Boston, University of Maryland Linguistics Program, 1971. p. 577-649.
- LEMLE, M. Análise sintática: teoria e ensino. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, 1982. (Inédito).
- . Phonemic system of the Portuguese of Rio de Janeiro. Universidade da Pensilvânia, Dissertação de Mestrado, 1968. (Inédito)
- LIBERATO, Y. G. Alterações vocálicas em final de palavra e a regra de palatalização. Cadernos de lingüística e teoria da literatura, Belo Horizonte, (1):80-95, 1978.
- SIMDES, A. M. Some sandhi rules in Portuguese. Cadernos de lingüística e teoria da literatura, Belo Horizonte, (5): 148-164, 1981.

SOUZA, Tânia C. C. de. O sândi vocálico externo no dialeto carioca. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado em Linguística, 1979. (Inédito).

———. Sândi vocálico em português - Homonímia e Opacidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGUÍSTICA, 4, Rio de Janeiro, 1981.